

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Edson José de Freitas Junior

**CLASSE, RAÇA E COR: UMA ANÁLISE DA SOCIEDADE BRASILEIRA SOB AS PERSPECTIVAS
DE DARCY RIBEIRO**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof.^a Fernanda Thomaz.

Juiz de Fora

2016

**DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E
AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO**

Eu, Edson José de Freitas Junior, portador do documento de identidade nº mg-15.236.723 e CPF nº 113573756, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201173051A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **CLASSE, RAÇA E COR: UMA ANÁLISE DA SOCIEDADE BASILEIRA SOB AS PERSPECTIVAS DE DARCY RIBEIRO**, desenvolvido durante o período de 01 DE JULHO DE 2016 a 22 DE JULHO DE 2016 sob a orientação de Fernanda Thomaz, fora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 25 de julho de 2016.

Edson José de Freitas Junior

NOME DO AUTOR

CLASSE, RAÇA E COR: UMA ANÁLISE DA SOCIEDADE BRASILEIRA SOB AS PERSPECTIVAS DE DARCY RIBEIRO

CLASS, RACE AND COLOR: AN ANALYSIS OF BRAZILIAN SOCIETY FROM THE PERSPECTIVES OF DARCY RIBEIRO.

Edson José de Freitas Junior ¹

RESUMO

O trabalho apresenta uma análise sobre as categorias classe, raça e cor inseridas no contexto histórico formativo da sociedade brasileira, sob uma perspectiva histórica autônoma e independente. Procura-se problematizar as relações impostas por essas categorias na tentativa de desmistificar os conflitos existentes nas mesmas, apresentando possível solução para os problemas gerados por esse histórico processo desigual de constituição social do Brasil. Para tanto, foi utilizado o livro “O povo brasileiro” de Darcy Ribeiro, antropólogo e político brasileiro, onde apresenta suas reflexões sobre as categorias discutidas.

PALAVRAS-CHAVE: Classe. Raça. Cor. Educação

ABSTRACT

The work presents a review about the categories class, race and color inserted in the formative context of the brazilian society, under a historical, unattended and independent outlook. It looks up to problematize the relations imposed by these categories in na attempt to demystify the conflicts existent in the same, presenting possible solution to the problems created by the historical uneven process of brazilian social constitution. For this, it was used the book “O povo brasileiro”, by Darcy Ribeiro, an anthropologist and brazilian political, wich presents his reflections about the discussed categories.

KEYWORDS: Class. Race. Color. Education

1. INTRODUÇÃO:

O presente trabalho tem por objetivo dialogar com um dos autores mais inovadores e irrequietos de toda história do Brasil. Darcy Ribeiro, homem de ideais e fazimentos, representa a maior revolução intelectual que as ciências sociais bem como a política brasileira já vivenciaram. Homem audacioso, não se conformava com o fato de que o que se poderia saber sobre a história do Brasil até sua época era um mero reflexo da real face formativa de nosso país. Baseava-se nos discursos dos colonizadores, que nos colocavam em uma posição de inferioridade histórica em relação às sociedades europeias. Era necessário muito mais, disse Darcy:

Meu sentimento era de que nos faltava uma teoria geral, cuja luz nos tornasse explicáveis em seus próprios termos, fundada em nossa

¹ - Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: edsonjfreitas@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof.^a Fernanda Thomaz

experiência histórica. As teorizações oriundas de outros contextos eram todas elas eurocêntricas demais e, por isso mesmo, impotentes para nos fazer inteligíveis. Nosso passado, não tendo sido o alheio, nosso presente não era necessariamente o passado deles, nem nosso futuro um futuro comum (RIBEIRO, 1995; 13).

É nesse sentido que Darcy Ribeiro se vê instigado a desenvolver audaciosamente toda uma teoria evolutiva da história da humanidade com o intuito de incluir com caráter autônomo de desenvolvimento os povos germinais de todo o planeta, pois “não explicavam a história dos povos orientais, nem o mundo árabe e muito menos a nós, latino americanos” (RIBEIRO, 1995). O resultado desse grandiosíssimo esforço, que tomou três décadas de sua vida, foi um compêndio sobre seus *Estudos de antropologia da civilização*, que levava em consideração não somente nos fazer inteligíveis, mas também nos dar suporte em relação as nossas ambições como nação repleta de potencialidades. O livro “O povo brasileiro” foi considerado pelo autor fruto de todas as buscas teóricas feitas por ele em suas outras obras, sendo essenciais para que pudesse finalmente dar um nó em suas ideias antes de se despedir dessa vida.

Serão discutidas neste trabalho as problemáticas relacionadas às categorias analíticas de classe, raça e cor inseridas na perspectiva da sociedade brasileira a partir dos conceitos e ideais de Darcy Ribeiro, expostos em seu livro “O povo brasileiro”. Procuro ao decorrer da análise fazer uma reflexão sobre cada tema problematizado, relacionando por vezes com nossa realidade atual, devido ao fato de que discutiremos assuntos que nos transportam para o Brasil colônia e além-mar, na medida em que essas categorias são históricas e devem conceber seus respectivos conceitos somente dentro do corpo de uma teoria (GUIMARÃES, 2003).

Para tanto, trataremos de observar e conceituar as categorias sob a perspectiva social brasileira e não sob a perspectiva europeia. Será trabalhado primeiramente a categoria das classes brasileiras e as relações que esses estabelecem com a sociedade e a economia do país. A segunda problematização fica por conta da categoria raça inserida na concepção social brasileira e também na visão do autor. A terceira problematização leva em conta uma categoria que veio a se tornar essencial para o estudo da sociedade após a abolição da escravidão, que é a questão da cor dos indivíduos e o que isso representa em nossa sociedade. Dialogando com essas categorias e suas problematizações, proponho um assunto de fundamental importância para o futuro de nosso país, que é a questão da educação.

Feita essa problematização entre as categorias, o intuito se torna corroborar com Darcy Ribeiro no sentido de acreditar que se a educação brasileira não é solução do problema, é pelo menos grande parte dela. Acredito, assim como ele, que nossa revolução passa pela instrução lúcida de nosso povo, passa pela humanização de nossas crianças e adolescentes, que representam nada mais, nada menos que o nosso futuro como brasileiros e como nação. Ainda falando de educação, proponho uma reflexão sobre nossos papéis como estudantes e futuros intelectuais, o que estamos produzindo e propagando como ferramentas de transformação sociocultural, propondo uma avaliação de nós mesmo e também do meio acadêmico que estamos inseridos.

DARCY RIBEIRO, UM HOMEM DE FAZIMENTOS

Para iniciar as reflexões a que o trabalho se presta, é essencial que se apresente devidamente, a figura única e icônica do ser humano que marcou profundamente o modo como olhamos para nosso país, para nosso povo. É da visão de Brasil que esse homem formulou e botou em prática que se baseia essa análise. Seus descontentamentos mais íntimos o levaram a expandir os limites de todas as empreitadas em que se colocou, marcando todas elas com genialidade, eficiência e humanidade. As informações contidas abaixo podem ser

encontradas em dois documentários, chamados Darcy Ribeiro - Vida² e Obra e Especiais - Darcy, um brasileiro³. Foi utilizado também como referencia a bibliografia de Darcy Ribeiro⁴

Darcy Ribeiro nasceu no interior de Minas Gerais, na cidade de Montes Claros, no ano de 1922. A vida de Darcy sempre teve um caráter de autonomia e ousadia, foi uma criança diferente das outras de sua idade devido ao fato de ter perdido sua figura paterna bem cedo, logo aos três anos. Isso, segundo o próprio Ribeiro, foi de fundamental importância para sua formação como figura que representou, pois como ele mesmo afirma, teve a oportunidade de não ser domesticado e ao mesmo tempo não domesticar, visto que ele também não teve filhos, se vendo livre para atuar como queria, aonde e quando fosse de sua vontade. Quando mais velho, prestou vestibular para o curso de medicina, felizmente decidiu por não continuar na área da saúde, e digo felizmente porque talvez essa desistência tenha gerado para as ciências sociais da nação, as mais ilustres ideias e reflexões que se poderia ter de nossa sociedade e dos gêneros humanos que aqui sincretizaram suas culturas de forma tão singular.

Formou-se em Antropologia pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, apaixonado pela cultura indígena e influenciadíssimo por Marechal Rondon, ativista da causa, se lançou ao trabalho etnográfico com os índios do Pantanal, do Brasil central e da Amazônia. Essa fase inicial da vida de Darcy foi essencial para que ele tivesse condições de compreender o mundo como ele veio a compreender futuramente, pois o íntimo contato estabelecido por ele com os indígenas brasileiros, deram ao autor uma visão apaixonada daquela gente. Seus costumes, suas crenças, seus legados deixados a nossa sociedade encantaram tanto a Darcy que a partir desses anos, quer seja como professor quer como homem ativo na política jamais abandonou a causa indígena, lutando pela dignidade e direito de ser deles até os últimos momentos de sua vida, trabalhando sempre em prol do ideal que o índio não era um ser feio, preguiçoso e perigoso, mas sim o contrário, um povo belo, que exerce suas atividades e amam uns aos outros igualmente, numa bela e fraterna solidariedade. Nesse período de extremo contato com os índios, Darcy Ribeiro promove uma ação junto ao governo de Getúlio Vargas, que com certeza ficará marcada pela eternidade na história de nosso país, a criação do Museu do Índio e a implementação do projeto de criação do Parque Indígena do Xingu, que consiste basicamente, mas de forma importantíssima, dar aos índios o que é e sempre foi deles de fato, uma gigantesca porção de florestas e matas foi cedida a um grupo de aproximadamente 3000 índios, para que ali pudessem continuar a viver suas vidas e preservando sua cultura por longos séculos. Para além disso existe a ideia de que aquele espaço seja para as futuras gerações uma parte do Brasil original, de nossos índios e de nossas matas. A preservação da memória cultural indígena e a valorização da mesma sempre foram para Darcy causa primária, que não podia esperar.

Após seus trabalhos etnográficos, Ribeiro se lança a um novo desafio, a empreitada da educação. Torna-se lutador das causas do ensino primário e superior, com o apoio de seu amigo Anísio Teixeira, promove a criação da universidade de Brasília em 1955, assume também o Ministério da Educação do Brasil. A posteriori, aceita o cargo de ministro da casa civil no governo de Joao Goulart, se tornando assim o segundo homem no comando do governo. Arrisco-me a dizer que é nesse momento de nossa história mais recente que poderíamos de fato ter mudado a nossa condição de servidão e exploração compulsórias. Estávamos prontos para implantar medidas que visavam dar maior atenção à soberania nacional, ao olhar para dentro da nação e constatar que devemos tratar de nós mesmos e não subsidiar e encorajar interesses externos que tivessem como consequência o enfraquecimento ou a supressão dos interesses da nação. Como o próprio Darcy comenta, o governo de Jango caiu mais pelas suas qualidades do que pelos seus defeitos. Como já sabemos, a próxima parte da história representou para o Brasil uma marca que dificilmente será apagada de nossa memória. O golpe de 64 representou não somente a maior intransigência que se pode cometer a um regime republicano (e ironicamente, tivemos esse ano de 2016 um fato que se assemelha a esse do passado, salvo é claro, as devidas proporções de violência e supressão dos direitos dos cidadãos e da sociedade como um todo), mas também o assassinato das potencialidades que se apresentavam vivas, quase que gritando dentro da sociedade. Potencialidades essas que Darcy tanto defendia e procurava dar materialidade a elas, oportunidades que as fizessem florescer e dar frutos. Com a articulação bem-sucedida do golpe, arquitetado tanto pela elite e exercito brasileiro quanto pelos

² - Disponível em : www.youtube.com/watch?v=iPm2-EpatVo Acessados em: 07/07/2016

³ - Disponível em : www.youtube.com/watch?v=zKvp8h3QMU

⁴ - Disponível no link: www.fundar.org.br

interesses norte-americanos, veio também o exílio dos líderes governistas da época, entre eles nosso ilustre Darcy Ribeiro.

Esse efeito adverso e totalmente antinatural que ocorreu em 1964 foi, por assim dizer, o maior combustível para que Ribeiro se lance como nunca num mergulho profundo e sem volta as raízes da formação não só do Brasil, mas dos países latino-americanos como um todo. Como homem brilhante que era, teve sua genialidade reconhecida mesmo fora do país. No Uruguai, país em que se exilou primariamente, foi convidado pelo próprio presidente para auxiliar na reforma da universidade do Uruguai. Lá, desenvolveu um livro chamado *A universidade necessária*, que em linhas gerais descreve as múltiplas experiências que ocorrem nas universidades da Europa e da América do Norte fazendo uma espécie de análise do que nós, sul-americanos estamos produzindo em termos acadêmicos. Darcy Ribeiro atenta para um momento de autorreflexão dos países sul-americanos, em uma busca por nossas origens culturais germinais e suas potencialidades. Esboçamos o modelo teórico, a universidade moderna, pela sua estrutura e pelos seus objetivos, mas é, sobretudo, a universidade das múltiplas e variadas culturas nacionais do mundo latino-americano, proposta à sua crítica e constante reformulação, instrumento supremo de reavaliação do esforço nacional, tanto no campo cultural quanto no econômico, visando à integração social das respectivas populações, a vigor do caráter nacional de cada uma das nações sul-americanas e a riqueza de sua contribuição específica à civilização latino-americana. Em 1991, nos tivemos a assinatura do tratado de Assunção, no Paraguai, que formalizava e botava em prática o MERCOSUL, e dessa maneira Darcy ainda estava merecidamente vivo para ver tal coisa acontecer. Não somente o Uruguai se envergou a genialidade de Darcy Ribeiro, tornando-se também assessor direto do presidente do Chile *Salvador Allende e Velasco Alvarado* do Peru.

É desnecessário ressaltar que por onde andou, Darcy transformou ou pelo menos procurava transformar a realidade a partir de seus ideais. O exílio, como já dito, foi o combustível para que Darcy se lançasse na empreitada de compreender a formação do povo sul-americano a partir da ótica do explorado, e não do explorador, como era corriqueiro e natural. Para isso, Ribeiro escreveu neste período os cinco volumes de seus Estudos de Antropologia da Civilização (*O processo civilizatório, As Américas e a Civilização, O dilema da América Latina, Os Brasileiros: 1. Teoria do Brasil, e Os índios e a Civilização*), que têm 96 edições em diversas línguas. Neles propõe uma teoria explicativa das causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos.

Em 1976, de volta ao Brasil após ser anistiado, Ribeiro retoma sua vida política, talvez agora com mais força e dedicação do que antes, devido ao trágico golpe militar. Eleger-se vice-governador do estado do Rio de Janeiro juntamente com Brizola, foi secretário da Cultura e Coordenador do Programa de Educação, encarregado de entregar 500 CIEPS aos municípios do estado do Rio de Janeiro, cujo objetivo era integrar crianças ao estudo em horário integral (somente no Brasil temos aulas divididas em turnos do dia) a fim de dar oportunidades a crianças carentes de apoio e estrutura familiar. Criou também o Sambódromo, que ao contrário do que muitos pensam, não é somente o local onde ocorrem os ensaios e desfiles dos carnavais de todos os anos. O Sambódromo em sua criação possui uma função educadora, no sentido de que ele possui também 200 salas de aula, que atendem as crianças do ensino primário. Não satisfeito, como era de seu feitio, Ribeiro se elege Senador da República com mais de três milhões de votos, função que exerceu defendendo vários projetos, dentre eles uma lei de trânsito para defender os pedestres contra a selvageria dos motoristas, uma lei dos transplantes que, invertendo as regras vigentes, torna possível usar órgãos dos mortos para salvar os vivos, uma lei contra o uso vicioso da cola de sapateiro que envenena e mata milhares de crianças. Combate energicamente no Congresso para que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação seja mais democrática e mais eficaz.

É certo que até o fim de sua vida lutou pelo que amava e acreditava. Homem de convicção e paixões que o moviam mais que qualquer coisa, sendo reconhecido por todo o mundo como um homem a frente de seu tempo, visionário e transformador. Com todas as honras e méritos que se possa creditar, recebeu os títulos de Doutor Honoris Causa da Sorbonne e das Universidades de Montevidéu, Copenhague e da Venezuela Central, além de ingressar na Academia Brasileira de Letras. Já no fim de sua brilhante vida, foi acometido por uma crise de saúde, devido ao câncer que possuía, e foi parar na UTI. Deveria ali ser o ponto final na história de nosso gênio, não obstante, mais uma vez, Darcy dá a volta por cima e dessa vez com tamanha ousadia que poucos acreditaram ter, Darcy com ajuda de seu sobrinho, foge da UTI em que estava internado, para poder terminar a obra de sua vida, o último livro que tinha como finalidade dar um nó em seus compêndios sobre a teoria geral da

civilização sul-americana. Desse ato de coragem e ousadia, é que nasce o livro *O povo Brasileiro* significa para o próprio autor sua obra maior.

Iremos analisar os conceitos de classe, raça, cor e as consequências e problematizações que esses termos carregam consigo em nossa sociedade. Esse trabalho, nada mais é que uma maneira de não deixar que os ideais magníficos de Ribeiro se percam no tempo, muito menos suas aspirações, seus sonhos e lutas para transformar esse nosso Brasil em um país melhor para todos, um país igualitário, onde todos possam comer, estudar, serem felizes e sonharem com um futuro melhor assim como sonhou esse ilustre personagem brasileiro. Lutando pela desconstrução de um país elitista e opressor, nos deixa o legado e a missão de construirmos um Brasil novo, onde o povo se torne o ator principal, onde ele mesmo possa se fazer e refazer ao longo de sua história.

Segundo Darcy Ribeiro em seu livro "O povo brasileiro", a estratificação social do Brasil se expressa em quatro estratos superpostos, correspondentes às classes dominantes, aos setores intermédios, as classes subalternas e as classes oprimidas (Ribeiro, 1995). Esses estratos são respectivamente constituídos pelos megaempresários (brasileiros e estrangeiros) que obtêm suas riquezas através da exploração econômica e indivíduos que assumem cargos de relevância nacional como generais, políticos e cargos importantes da igreja, esses integram as classes dominantes. Nas classes intermédias temos professores, profissionais liberais e o baixo clero⁵, estes propensos a prestar homenagens às classes dominantes, procurando dessa maneira, tirar alguma vantagem. As classes subalternas são formadas por um bolsão da aristocracia operária, com empregos estáveis, trabalhadores especializados, composta também por outro bolsão com pequenos proprietários, arrendatários etc. Finalmente, a classe mais abaixo de todas é composta pela grande massa das classes oprimidas, dos marginais, dos boias frias, das empregadas, lixeiros e prostitutas.

Essa estratificação social brasileira representada por Darcy Ribeiro reflete um passado que negligenciou qualquer ideal de igualdade social, racial ou econômica aos seus indivíduos. Foi na verdade fruto de uma exploração compulsória da elite sobre as classes inferiores desde a escravidão, onde se gastaram milhões de seres humanos para enriquecer um punhado de indivíduos que detinham o poder sobre toda a ordem social, e a grande verdade é que até os dias de hoje ainda detém um poder considerável no que se refere a decidir e programar pautas políticas sociais e econômicas que os beneficiem mais que a qualquer outro estrato, visto que são maioria na política brasileira impregnada de demagogia e corrupção. Os ruralistas e os latifundiários são pragas vivas dentro de nosso sistema político que impedem historicamente os avanços tão necessários, sobretudo na questão da reforma agrária e distribuição de terras, assunto essencial para uma perspectiva melhor do que queremos de Brasil.

Restam as classes inferiores da sociedade brasileira se adaptarem a sua maneira ao mundo particular que essa elite conseguiu e ainda consegue criar no Brasil, aonde alguns poucos lucram exacerbadamente enquanto muitos não conseguem sequer atingir um padrão considerável de estabilidade socioeconômica. O que exemplifica as relações estabelecidas por esses estratos segundo Darcy é que existe no Brasil uma configuração de classes antagônicas porém interdependentes que se organizam para fazer oposição às classes oprimidas - ontem escravos, hoje subssalariados (Ribeiro, 1995: 210).

Ribeiro observa que "no Brasil as classes ricas e as pobres se separam uma das outras por distâncias sociais e culturais quase tão grandes quanto as que medeiam entre povos distintos" (Ribeiro, 1995). Esse abismo que existe entre ricos e pobres é uma herança resultante de nossa formação histórica desigual e hierarquizada dos tempos do Brasil colônia. A desigualdade no Brasil para o autor possuía e ainda possui um caráter intencional de empreendimento, que faz do país menos uma sociedade do que uma feitoria, porque a alguns privilegia e enobrece e a outros subjuga e degrada. A partir dessa observação, pode-se mesmo constatar que os estratos sociais estão terminantemente distantes entre si, e essa situação se agrava cada vez mais à medida que

⁵ - Este termo foi cunhado por Ulisses Guimarães durante nosso processo de redemocratização após o regime militar. Refere-se especificamente aquele tipo de parlamentar com atitudes antirrepublicanas, alguém movido por interesses pessoais e disposto a satisfazê-los em detrimento de quaisquer outras demandas. O irônico é que esses se encontram na base de nosso Congresso, o que com certeza dá um nó em nosso já deficiente processo democrático.

vivemos uma espoliação sistemática por parte das camadas superiores pelo meio das decisões políticas que excluem o interesse e a necessidade das camadas populares. A mentalidade dos privilegiados pouco se alterou no que se refere a tratar o povo como mão de obra a ser gasta durante o processo de produção, pois como diz Ribeiro "mesmo quando o escravo sucede o parceiro, depois o assalariado agrícola, as relações continuam impregnadas dos mesmos valores, que se exprimem na desumanização das relações de trabalho".

No campo, essa diferença se mostra mais implacável a partir do momento que poucos detêm a posse da terra e também os privilégios de classe dominante, enquanto o boia-fria, ou mesmo o trabalhador rural é subjugado e dependente do dono da terra e dos meios de produção, a relação se torna fria e desumana. No meio urbano, observa-se contudo que existe certa mobilidade social no sentido de que algumas famílias mais humildes batalham por sua ascensão social, no entanto a grande maioria tem um destino lamentável, pois preteridos de oportunidades de inserção socioeconômica e expostos as mais variadas discriminações se veem resignados e impotentes diante dessas relações desiguais tão essenciais da ordem social brasileira. A partir desse ponto de vista, o autor deixa claro que o desenvolvimento de instituições democráticas no Brasil se mostra algo de difícil consolidação. Mesmo após a implementação da república a base social brasileira nunca foi trocada, o proprietário continua proprietário, e as camadas intermediárias e o próprio ex-escravo estão sujeitos às classes dominantes, perpetuando até os dias de hoje essas relações de caráter hierárquico, promovendo nosso abismo de desigualdades.

Somado a essa estratificação social existente no Brasil, temos uma categoria que está histórica e diretamente ligada com as relações de classe em nossa sociedade que é a questão da raça, e essa categoria exige um cuidado maior ao ser analisada nesse contexto. O conceito do termo raça tem início no século XIX quando as ciências se mostravam no ápice do poderio europeu, a biologia e a antropologia física criaram a ideia de raças humanas, ou seja, a ideia de que a espécie humana poderia ser dividida em subespécies, tal como o mundo animal, e que tal divisão estaria associada ao desenvolvimento diferencial de valores morais, de dotes psíquicos e intelectuais entre os seres humanos. (GUIMARÃES, 2003). O importante aqui é entender que essa imposição europeia as civilizações consideradas inferiores propiciaram subsídios e justificaram práticas condenáveis como o colonialismo e a escravidão. Práticas que estão presentes no cerne de nossa história, pois somos fruto mesmo é dessa visão de mundo. Felizmente o tratamento que se dá a esse termo nos dias de hoje não leva mais em conta tais conceitos retrógrados e racistas, contudo é evidente e inegável que marcas dessa concepção ainda vivem, talvez em outras formas, em tais sociedades que se formaram sob essa perspectiva, como a brasileira. Contudo, o referente trabalho está pautado nas ideias de Darcy Ribeiro que vê a raça pelo espectro cultural, como excepcional relativista que é, descarta qualquer possibilidade de hierarquização racial entre as sociedades humanas baseadas em preceitos discriminatórios. Valoriza a cultura dos povos como algo singular, que não deve ser medido em nenhum tipo de padrão, pois esse padrão é inexistente.

A questão da raça no Brasil se encontra intimamente ligada com nossa própria formação, pois somos fruto de um sincretismo de culturas dispareas. O brasileiro se forma primariamente de europeus, índios e negros africanos, integrados em uma sociedade estabelecida no regime escravocrata latifundiário de exportação. Além dessa desigualdade social gritante do Brasil, pesa também sobre as camadas mais populares o peso da discriminação racial e social que sofrem, visto que a história da raça negra no Brasil é uma história de luta, sua forma era a da fuga, para a resistência e a reconstituição de sua vida em liberdade nas comunidades solidária dos quilombos, que se multiplicaram aos milhares (Ribeiro, 1995). É nesse intercurso completo entre classes e culturas diferentes que a atual sociedade brasileira se vê configurada, pois apesar do mito construído de que o Brasil e o brasileiro não são racistas ou mesmo classistas, e totalmente ideológico. Até hoje a luta mais árdua do negro brasileiro ainda é a conquista de um lugar e de um papel participante legítimo na sociedade nacional, enfatiza o autor. Essas relações conflitivas ganham força no momento em que a oportunidade dos negros se inserirem na vida socioeconômica se mostrava mais eminente e foi novamente excluído, no sentido de que após a libertação dos escravos essas oportunidades foram dadas a um novo contingente europeu exportado a baixo custo pela nova administração republicana. Os negros se viram novamente espoliados de seus direitos e de sua possível ascensão na sociedade brasileira.

A discriminação da elite branca sobre o índio, mestiço ou negro é também histórica, se arrastando até os dias de hoje. A nação brasileira comandada por pessoas com essa mentalidade segundo Ribeiro, negou ao negro qualquer pedaço de terra para viver e cultivar, de escolas para que pudessem educar seus filhos e de qualquer ordem de assistência. Ao contrário, foi lhes dado em grande conta discriminação e repressão, tendo

como conseqüências um êxodo rural que resultou nos aglomerados periféricos denominados muitas vezes de favelas. Isso representou no aspecto político uma situação delicada e de difícil reversão, uma vez que foram estabelecidos sistemas autônomos de vida nesses lugares, com suas lógicas sociais, econômicas e culturais que se distinguem e contrastam muito dos outros locais da própria cidade em que se situam. “Nesses locais é que os negros estabeleceram o que há de mais vigoroso e belo na cultura popular brasileira, é a partir daí que se estrutura o nosso carnaval, o culto a iemanjá, a capoeira e inúmeras manifestações culturais” (Ribeiro, 1995:223). O negro brasileiro se sobressai em relação aos demais quando o a modalidade não depende de nível de escolaridade ou mesmo formação específica. De acordo com Darcy, essa predisposição do negro no que diz respeito a música popular e ao futebol fazem dele, apesar de todas as amarguras e exclusões, o expoente mais significativo da cultura brasileira,

Outra categoria marcante para a singularidade das relações de classe e raça no Brasil é a questão da cor dos indivíduos. Historicamente, existe em todo o país uma expectativa assimilacionista, que leva os brasileiros a supor e desejar que os negros desapareçam pela branquização progressiva, e este processo se dá tanto pela branquização do negro como pela negrização dos brancos (Ribeiro, 1995:224). A sociedade brasileira se diferencia de outras em sua constituição física no que se refere ao nosso histórico de miscigenação das múltiplas matrizes culturais que se chocaram em nosso processo formativo. Essa prática foi de suma importância para nosso processo de formação, pois as relações inter-raciais foram à base para a colonização do Brasil acontecer e ser bem sucedida. Diferentemente da formação de países europeus ou mesmo da América do norte, nossa constituição racial é múltipla e diversa, nascida de uns poucos homens brancos com multidões de mulheres índias e negras (Ribeiro, 1995:225). Corroborando com essa ideia, podemos observar atualmente que não existe um padrão de características físicas, psicológicas ou mesmo comportamentais que definam a rigor por assim dizer, um tipo ideal de brasileiro, diferente do que se pode constatar em algumas outras sociedades que se mantiveram mais fechadas em relação à interação com indivíduos de culturas dispares. O fato é que o brasileiro pode e é tão diverso quanto o mundo também é diverso, guardamos várias nacionalidades dentro de uma única nação.

É nesse sentido que a categoria cor ganha relevância na discussão e se personifica como característica distintiva do peculiar racismo brasileiro, que não incide sobre a raça do indivíduo, mas sim pela cor de sua pele. Estabelecemos padrões distintivos de cor, como o negro retinto que rememora o negro africano de pele bem escura e o pardo, com a pele mais clara do que a do negro, mas não tão branca quanto a do branco. Dessa forma, podemos dizer que o preconceito no Brasil aumenta na medida em que a cor escurece e ao mesmo tempo o preconceito e a discriminação se abrandam na medida em que a cor da pele fica mais clara. Pode-se aferir que isso é fruto de nosso histórico intercuro sexual, fazedor de nosso povo. Essa predisposição a miscigenação nas palavras de Ribeiro, não chega a configurar uma democracia racial, como quis que o fosse Gilberto Freyre e outros tantos mais, tamanha é a carga de opressão, preconceito e discriminação antinegro que ela encerra. Não obstante, o próprio Darcy dá a entender que esse pensamento nos reserva de formas de preconceitos similares as do regime do *Apartheid* sul-africano ou norte-americano. No entanto afirma, o *Apartheid* tem como conseqüência uma conservação de identidade, induzindo uma profunda solidariedade interna do grupo discriminado, o que capacita lutar por seus direitos sem admitir paternalismos. O que se configura na sociedade brasileira é um assimilacionismo que tem como conseqüências o enfraquecimento das solidariedades raciais, pois dilui a negritude numa vasta escala de gradações, reduzindo a combatividade e insinuando a ideia de que a ordem social é uma ordem natural, se não sagrada (Ribeiro, 1995:226). Esse enfraquecimento solidário e a aceitação de paternalismos fazem a relevância da discussão também se esmaecer, pois admitindo que essas questões raciais e sociais do passado não passaram de um acidente, estamos perpetuando um quadro discriminatório que vem sendo pintado desde praticamente o início de nossa história como a conhecemos.

Para Ribeiro, a democracia racial é algo possível desde que exista uma democracia social, nesse sentido é possível afirmar que o Brasil está longe de ter tanto uma como a outra, dado os últimos avanços do conservadorismo elitista da política brasileira e episódios recorrentes de discriminação e preconceito racial e a impunidade que se segue em relação a esses crimes. É importante dizer que nos últimos anos, graças à modernização e a difusão de novas atitudes, inspiradas, sobretudo no revivalismo do negro norte americano, se observa uma veemente afirmação de negros e mulatos, afinal orgulhoso de si mesmo e às vezes até compensatoriamente racistas em sua negritude (Ribeiro, 1995:24).

Acredito que é a partir da autoafirmação do indivíduo e da instrução do povo em relação a sua origem, aliado a políticas que visam às necessidades das camadas populares como educação básica de qualidade, saúde para todos e com eficiência, que conscientize mais do que mascare, que estude nossa história formativa e não a do dominador, a que olhe para as potencialidades internas como uma oportunidade a ser dada para a nação, não a meia dúzia de empresários estrangeiros sedentos por dinheiro, a fim de sugar o quanto for possível de uma sociedade paupérrima, que mal tem o que comer mascarada por uma mídia golpista que faz de tudo para que se prevaleça o desejo conservador que é o seu desejo, jamais o desejo do povo, jamais o da revolução social.

Nós, fruto histórico dessas relações conflitivas, temos plena consciência de que muitos problemas atuais que envolvem as categorias classe, raça e cor estão sendo tratados de maneira banal⁶, sem a devida importância por nossas instituições. Tornou-se comum na sociedade brasileira a divulgação de notícias ou vídeos que explanam essas atitudes retrógradas e criminosas, não raro quando as próprias instituições cometem o ato discriminatório. Para Darcy Ribeiro, essa problemática histórica profundamente presente na constituição do brasileiro só poderá ser desconstruída e construída novamente sob a perspectiva da educação, no sentido de que a educação possa criar uma consciência crítica nacional, formas independentes de pensamento, como um alicerce para que nos pensemos enquanto brasileiros e não enquanto europeus ou norte americanos, ou mesmo como quer a elite brasileira. Nesse sentido é que o antropólogo se envolve ativamente na política, tendo como suas maiores lutas a bandeira indígena e a da educação.

Darcy não lutou sozinho nessa luta, pois seu influenciador e amigo Anísio Teixeira lhe deu suporte em suas ideias e em seus atos. Ambos acreditavam que o sistema educacional no Brasil deveria ser totalmente reelaborando visando principalmente a ampliação do acesso a educação pública da grande maioria da população em detrimento do ensino privado, “o qual implicava na destinação de verbas públicas para financiamento de instituições de caráter religioso” (RIBEIRO, 1997b).

Quando retornou do exílio e se envolveu novamente na vida política, idealizou e executou a implementação dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPS) que tinham por objetivo revolucionar o ensino público brasileiro. A grande inovação viria pelo fato de que os alunos desses centros teriam a oportunidade de frequentar a escola em horário integral e não em turnos, como já acontecia e acontece na maior parte dos países desenvolvidos. A proposta era a construção de 500 instalações, cada uma comportando 1000 crianças que revolucionariam não só o regime de trabalho dos professores, mas também o projeto pedagógico de ensino. “Vale lembrar que o sambódromo idealizado como um grande espaço de realização do carnaval carioca é um CIEP multifuncional, dedicado, durante o ano ao ensino de crianças em turno integral (RIBEIRO, 1997b)”.

Com esse projeto ambicioso, a intenção de Darcy era a da democratização do ensino no país, o que com toda certeza é substancial para que se alcance a tão sonhada igualdade social de que tanto necessitamos. Infelizmente esse projeto foi aos poucos sendo abandonado pelos governos que os procederam⁷, até restarem somente às instalações físicas dos CIEPS originais, ainda utilizados como escolas, mas mortos como ideal inovador de outrora.

A educação, sob o monopólio privado do saber promovia não só a falta de instrução pela via da exclusão, mas contribuía grandemente para a ausência de consciência crítica sobre a situação em que se encontravam a maior parte do povo brasileiro:

Sou contra: a educação elitista e antipopular; o analfabetismo da maioria dos brasileiros; a evasão e a repetência na escola; a falta de consciência dessa calamidade; o caráter enciclopédico e ostentatório

⁶ - Pelo menos a parte mais instruída, que consegue discernir eventos desse tipo, mesmo que a mídia tente por inúmeras vezes esgotar a problemática, em uma espécie de proteção a ideologia da democracia racial, ainda viva em nossa sociedade.

⁷ - Governos esses que conseguiram a grande façanha de nos deixar em sexagésimo colocado no ranking mundial de educação, em um total de 76 países.

de nosso ensino; o funil que só deixa cinco por mil dos alunos chegarem à universidade; o esvaziamento do ensino superior; a multiplicação das escolas privadas e ruins. Sou a favor: de uma escola primária popular e séria; da educação média formadora do povo brasileiro; do uso dos recursos públicos nas escolas públicas; da educação para o desenvolvimento econômico e social; da educação fundada na consciência lúcida (RIBEIRO, 1997b: 233).

Após a definição e implementação do caráter da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação⁸, tornou-se possível a criação do Conselho Federal de Educação e também da Universidade de Brasília (UnB). Como idealizador dessa universidade, Darcy projeta nessa empreitada toda a sua perspectiva educacional em relação ao ensino superior, com o objetivo de modifica-lo, torna-lo uma ferramenta de estudo e de transformação das problemáticas brasileiras, produzindo nosso próprio conhecimento e a partir desse conhecimento nos refazer enquanto sociedade consciente de seus problemas e também das possíveis soluções. Essa nova perspectiva educacional tinha segundo Ribeiro:

Sua característica distintiva se acentuava na macroestrutura tripartida de Institutos Gerais de Ciências, Letras e Artes, dedicados ao cultivo e ao ensino do saber fundamental; de Faculdades Profissionais, devotadas a pesquisa e ao ensino nas áreas das ciências aplicadas e das técnicas; e dos Órgãos Complementares, que prestariam serviço à comunidade universitária e a cidade (RIBEIRO, 2009:108).

Infelizmente, sabemos que a continuação da história representou a morte desse projeto inovador e ambicioso. O Golpe militar de 1964, articulado pela elite brasileira, bem como pelos exércitos brasileiro e norte-americano nos lembra historicamente que a elite jamais esteve, ou mesmo estará disposta a abrir mão de seus privilégios também históricos. Não obstante, nem mesmo o exílio conseguiu afastar Darcy de sua veia educacional pulsante. No México, planejou o Centro de Estudos do Terceiro Mundo; na Costa Rica, criou a nova Universidade Nacional. Colaborou no seminário de reformas da universidade de La Republica, no Uruguai; no seminário de renovação na Universidade Central da Venezuela, de acordo com sua concepção de universidade apresentada na obra "*A universidade necessária*". (FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO, 2005).

No entanto, esse acontecimento lamentável em nossa história⁹ é ainda hoje exaltado por simpatizantes do golpe, como podemos ver nos últimos anos um número preocupante de pessoas defendendo e apoiando abertamente as brutalidades cometidas durante o regime¹⁰. Figuras como Bolsonaro e Feliciano enchem nossas instituições de demagogias e discursos de ódio, influenciando uma considerável parcela da população a pensar dessa maneira, e conseqüentemente perpetuar esses atos discriminatórios recorrentes no Brasil. A representação social como tarefa do parlamentar está a tempos deixada de lado, devido ao caráter corrupto e

⁸ - Apesar de ter sido fundamental essa primeira versão da LDB foi para Darcy Ribeiro uma meia vitória, pois apesar da nova lei, os municípios continuaram com nenhuma ou pouca autonomia devido às relações de dependência que esses têm para com seus Estados e a União. Aliado a isso, houve pouca democratização de oportunidades educacionais nas escolas públicas, que permaneceram ainda elitizadas.

⁹ - Esse momento pode ter nos tirado uma mente geniosíssima como a de Darcy, justo em um período onde nossas potencialidades culturais, sociais e econômicas estavam florescendo com vigor, e o povo brasileiro pronto a colher seus frutos. Pagamos caríssimo até hoje no sentido de que o regime terminou, mas a sua ideologia continua viva e ativa dentro de inúmeras problemáticas sociais brasileiras.

¹⁰ - Acredito que após 2013, a crise da política brasileira tomou proporções alarmantes, trazendo a tona também uma face obscura de ódio contra o alterno. De ambos os "lados" políticos, tanto esquerda quanto direita se hostilizam sempre que há divergência de ideias. Infelizmente algumas pessoas simplesmente não tem o mínimo de discernimento e adotam posturas discriminatórias acreditando estar exercendo algum tipo de direito ao fazê-lo.

paternalista que domina a suposta casa do povo. Nesse conflito interno da sociedade brasileira é que nos vemos hoje mesmo. O estado falido e corrupto de nossas instituições políticas traduz uma sociedade com deficiências sociais gritantes, que mesmo gritando não são ouvidas, mas sim caladas. A intenção deste baixo clero que domina nossas instituições políticas preza para que essa deficiência estrutural da educação pública no Brasil se perpetue, pois lhes enche o bolso e o fato de que uma insurreição consciente da sociedade seria um potencial fim para a manutenção de seus privilégios e a conservação da ordem vigente.

Sedentos por transformações que retirem o povo de sua ignorância, nós brasileiros conscientes de nossas falhas e do compromisso social que devemos assumir, temos que conviver diariamente com discursos e atos que tem como finalidade reforçar ainda mais essa desigualdade social existente em nosso país. Um exemplo atualizado desse pensamento conservador é a Escola sem partido, uma tentativa de lançar ainda mais a educação brasileira no ostracismo e na servidão. Partir da premissa de que nossas escolas ou universidades estão doutrinando os estudantes é o mesmo que dizer que não podemos ser críticos com as problemáticas, somente complacentes com o discurso tradicional. Essa ideia estúpida configura um quadro histórico do Brasil, que é o conservadorismo elitista se articulando e querendo a qualquer custo manter suas tão sacras posições. Alias, vivemos momentos difíceis no que diz respeito a políticas socioculturais, visto que o governo atual é fruto mesmo de um golpe de estado, sem nenhuma legitimidade ou representatividade eleitoral, um governo que pouco se importa com pautas populares, ou benefícios ao povo trabalhador.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Como conclusão, gostaria de propor a nós, estudantes de quaisquer institutos ou cursos, uma reflexão sobre nosso papel dentro de nossa sociedade. O que é nossa sociedade? O que iremos produzir enquanto profissionais atuantes em termos de contribuição social? Iremos ser críticos e insatisfeitos com as amarguras existentes em nosso país ou iremos somente ser complacentes com elas, perpetuando as desigualdades mil existentes no Brasil? Darcy nos cobra muito nesse sentido, pois acreditava que “o papel dos intelectuais brasileiros como expressões mais ou menos lucidas do saber erudito de nosso povo, a parcela de gentes de que o Brasil dispõe para entender como viemos a ser o que somos e para iluminar nossos caminhos futuros” (RIBEIRO, 1997b).

É necessário que se considere o mundo objetivamente, como algo concreto, que possamos modificar e moldar as nossas perspectivas e não como algo abstrato, onde podemos alcançar ideais somente através do mundo das teorias. Na perspectiva de Ribeiro, o saber de um povo, suas relações socioculturais são construídos historicamente através de um permanente processo de referencia e de repensar, é presente na imagem que delinea do intelectual coparticipe no processo histórico de transformação da sociedade. Nesse sentido é que nos compete dar continuidade a esse processo e construirmos coletivamente nossa própria história, nos fazendo e refazendo como sujeitos autônomos conscientes de si e da realidade imposta.

Para tanto, é necessário que abandonemos concepções preestabelecidas como a do cientificismo. Darcy critica o caráter funcionalista que esse cientificismo proporciona para a sociedade brasileira, “tornando a ciência a atividade mais irracional do mundo no plano organizativo” (RIBEIRO, 1979/2007, p.83). Irracional, pois tem como perspectiva a busca por padrões de produtividade acadêmica e científico que garantam ao intelectual uma vida de “prestígio” através da ciência, mas sem nenhuma pratica que produza reais resultados na sociedade.

Somos dessa maneira milhares de estudantes trabalhando na maioria das vezes sobre o mesmo tema, e a probabilidade que temos de realmente revolucionar a ciência é ridícula, a partir do momento que o próprio sistema configura uma sociedade que acredita realmente não precisar de cientistas sociais, historiadores e filósofos. Muito da desgraça que a educação brasileira enfrenta historicamente é fruto da negligencia do estado para com as necessidades educacionais de uma sociedade que quer e precisa melhorar. Além de muita vontade política, temos que estar conscientes de que podemos nos esforçar para reconfigurar a realidade em que estamos inseridos, temos de acreditar, assim como acreditou Darcy, que somos plenamente capazes de nos fazermos brasileiros conscientes de nossa história e certos de que queremos fazer um Brasil de todos. Já passou da hora de a elite brasileira perceber que o povo não pode e não deve mais ser negligenciado, porque se assim for o Brasil esta fadado novamente a perpetuação de sua história de opressão e exclusão.

Portanto, não se iluda comigo, leitor. Além de antropólogo, sou homem de fé e de partido. Faço política e faço ciência movido por razões éticas e por um fundo patriotismo. Não procure, aqui, análises isentas. Este é um livro que quer ser participante, que aspira influir sobre as pessoas, que aspira ajudar o Brasil a encontrar-se a si mesmo (RIBEIRO, 1995; 17).

3. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: A formação e o sentido de Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Como trabalhar com “raça” em Sociologia**. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 29, n. 1, p. 93-107, jan/jun 2003.

FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO. **Biografia; Fazimentos: educação**: UENF. Rio de Janeiro: FUNDAR, 2005. Disponível em <http://www.fundar.org.br/>. Acesso em 07/07/2016.

RIBEIRO, Darcy. **Confissões**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.